



## **COMUNICAÇÃO, HISTÓRIA E GÊNERO: REPRESENTAÇÕES FICCIONAIS DE PROCESSOS DE ESCRITA COMO ESTRATÉGIAS DE ELABORAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Alice Mitika Koshiyama/a1

### *A educação para mulheres*

Há benefícios do acesso à educação pelas mulheres, sua profissionalização e inserção no mercado de trabalho, seu conhecimento sobre a sociedade e cultura na qual vive. Porém a participação no sistema escolar não garante a ninguém a autonomia e capacidade de agir como sujeito de sua história. Sequer oferece uma condição humana mais satisfatória e pessoalmente diferenciada. No entanto, o domínio da escrita e a possibilidade de registrar suas idéias, de elaborar suas memórias e histórias e de criticar suas experiências de vida, oferecem elementos para que mulheres divulguem seus problemas pessoais e coletivos e possam atuar na mídia.

As oportunidades de estudar eram limitadas e controladas para as moças. Como escritoras e jornalistas, surgem como protagonistas de suas histórias de vida principalmente no mundo pós 2ª. Guerra Mundial. Antes disso, até os anos quarenta do século XX, as opções femininas para estudar, trabalhar e viver suas vidas eram restritas. Conforme lemos na tese de doutorado de Margareth Rago<sup>2</sup> era inexistente vida autônoma e socialmente aprovada para mulheres paulistas naquela época. A sociedade conservadora destinava às mulheres ao prostíbulo, ao convento.

Nos anos vinte do século passado, a principal proposta de Ercília Nogueira Cobra era educar as mulheres para o trabalho. Ela foi uma jovem corajosa que se formou professora, passou no concurso em 1º. lugar mas não foi nomeada para um cargo em escola pública porque tinha idéias sobre uma vida diferente para as mulheres e as divulgava. Escrevia que as mulheres deviam estudar e adquirir uma profissão para o seu sustento, saindo do controle do poder masculino. Afirmava que a mulher devia ter igualdade no direito de estudar e exercer um trabalho remunerado e nessas condições ser independente do homem. Mas as leis, os costumes, a religião dominante, a cultura da sociedade brasileira dos anos vinte do século passado não reconheciam a capacidade da mulher ser

---

1 Professora Livre-Docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP -- e-mail para contato.

2 Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio: Paz e Terra, 1991.



um ser capaz<sup>3</sup>. E por isso, em nome de seus ideais, Ercília viveu marginalizada e foi rejeitada pela maioria dos homens e pelas mulheres que não queriam pagar o preço da autonomia. E nenhuma outra figura respeitável e influente do mundo literário, além de Monteiro Lobato, a apoiou, sem resultados práticos, para fazer uma carreira.<sup>4</sup>

Na primeira metade do século XX, Brasil, nas Américas, na Europa, mulheres viviam na negação social de sua condição de sujeito da história, como um fato natural, um destino

### *Do Segundo Sexo ao feminismo*

A marca de ser integrante de uma subespécie inferior ao homem limitava a vida das mulheres oprimindo-as, processo desvendado por Simone de Beauvoir como fenômeno histórico e não produto da natureza, em *O Segundo Sexo*. O trabalho pioneiro de Simone de Beauvoir publicado em 1949 causou espanto e influenciou a vida de muitas mulheres.

No entanto, no Brasil, na Constituição em vigor até 1988, considerava-se a mulher um ser relativamente capaz. Esta limitação jurídica explicitava o cerceamento aos atos delas, em uma tendência histórica de submissões da mulher à autoridade do pai ou do irmão, quando solteira; ou do marido, quando casada. Aos homens cabia apoiar a ideologia dominante e impor a lei.

Ao publicar a obra, em 1949, Simone de Beauvoir colocou em questão uma nova avaliação da condição feminina. Estudava-a com parâmetros da filosofia e da história e avaliava descobertas e concepções dominantes sobre a mulher nos principais campos do conhecimento humano. Reconhecia as diferenças mas procurava interpretá-las, à luz do objetivo da mulher ser o sujeito da sua história.

A polêmica obra de Simone de Beauvoir permanece atual enquanto leitura de realidade da mulher no mundo, a tese de que ser mulher é parte de um processo histórico. E que nem a biologia, nem a psicanálise, nem o materialismo histórico dava conta de explicar a condição da mulher enquanto ser genérico. Em suas próprias palavras:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Toda a legislação afirmava a semi-capacidade da mulher, que só teve reconhecida a igualdade de direitos com os homens na Constituição de 1988.

<sup>4</sup> Estudamos o tema no trabalho em: “Um projeto para a mulher na segunda década do século vinte: educação para o trabalho e a autonomia” no Simpósio Temático 05 – Cidadania x violência na educação: questões de corpo e gênero

<sup>5</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O Segundo Sexo*. Trad. Sergio Milliet, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. vo. 2, p.9.



Rastreado as explicações sobre o ser mulher – na natureza, na cultura, na economia, na política --, Simone projeta o conjunto de construções elaboradas pela cultura ocidental para manter os padrões dominantes de comportamento e de ação desejáveis para a mulher.

Ao falar da mulher como um ser, a partir da noção de valor (cf. Hegel), “sentido dinâmico”(…) raciocina: “ser é ter-se tornado, ter sido feito tal como se manifesta. Sim, as mulheres, hoje, em seu conjunto, são inferiores aos homens, Isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve perpetuar-se.”<sup>6</sup>

Ao observar a forma como o homem usa a noção de igualdade e desigualdade no cotidiano, no campo concreto e abstrato detecta: a negação da desigualdade concreta mais a afirmação da igualdade abstrata resulta na omissão do que acontece. Enquanto que afirmar a desigualdade concreta que existe leva ao reconhecimento da negação da igualdade ,o que é real.

E completa : “Não há descrição, dita objetiva, que não se erga sob um fundo ético. Ao invés de tentar dissimular os princípios que se subentendem mais ou menos explicitamente, cumpre examiná-los.”<sup>7</sup>

Explicita o drama da mulher na filosofia existencialista: ser sujeito *versus* um ser em situação:

A perspectiva que adotamos é da moral existencialista. Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista da existência em si, da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito. Se lhe foi infligida, assume o aspecto de frustração ou de opressão. Em ambos os casos, é um mal absoluto. Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender.<sup>8</sup>

O que é uma mulher? Encontramos os mitos de mulher na vida cotidiana, nas condutas individuais ou coletivas, nos meios de comunicação de massas, na literatura. A análise dos mitos na literatura, como o “eterno feminino”, um absoluto que é a feminilidade, definição contrária ao concreto das mulheres. Há os arquétipos da feminilidade nas formas negativas ou positivas, e com a formação de pares que se opõe. Indivíduos e sociedade usam o mito conforme necessitam. O “mistério feminino” não precisa ser explicado, no ponto de vista dos homens são categorias absolutas – sem reciprocidade. O problema liga-se não ao sexo feminino ou masculino mas à situação.<sup>9</sup>

Ela observa:

Para que toda a reciprocidade se apresente como impossível, é preciso que o Outro seja para si um Outro, que sua subjetividade mesmo seja afetada pela alteridade. Essa consciência que seria alienada enquanto consciência, em sua pura presença imanente, seria evidentemente Mistério, seria Mistério em si pelo fato de que seria para si; seria o Mistério absoluto. (...)  
O Mistério é propriedade do escravo.<sup>10</sup>

6 SIMONE DE BEAUVOIR. O Segundo Sexo, v. 1., p. 18.

7 SIMONE DE BEAUVOIR. O Segundo Sexo, v. 1. pp. 20-22

8 SIMONE DE BEAUVOIR. O Segundo Sexo, V. 1., p.23

9 SIMONE DE BEAUVOIR. O Segundo Sexo. V. 1, pp. 300-305.

10 SIMONE DE BEAUVOIR. O Segundo Sexo. V. 1, p.305.



O mito se explica em grande parte pelo uso que dele fazem os homens. A mulher hoje (1949), é objeto da duplicidade dos homens: mulher um ser “semelhante, igual” mas “inessencial”. Então a “verdadeira mulher” é uma visão dos homens e das mulheres que vêem pelos olhos deles, é a que se aceita como Outro.<sup>11</sup>

Para o homem não existe nenhuma duplicidade. Inexiste o hiato entre vida pública e vida privada. O homem pode ter uma vida completa, a ele não se atribui “Mistério”.

A mulher e o homem são produtos da cultura, das civilizações, e mudanças em um deles afetará o outro. A proposta de Simone de Beauvoir é clara:

Libertar a mulher é recusar a encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar: ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir também para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um outro para o outro; (...) quando for abolida a escravidão de uma metade da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a “seção” da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira.<sup>12</sup>

As citações demonstram a atualidade do trabalho de Simone de Beauvoir ainda hoje, no início do século XXI.

A leitura de *O Segundo Sexo* é um texto que fascina as leitoras inquietas desde a sua publicação até o momento presente, estimulando reflexões, estudos, debates e dando à luz questões e respostas que inspiraram e animaram agrupamentos de mulheres feministas.

No início do ano 2000, no aniversário dos cinquenta anos de publicação da obra houve um encontro em Paris, congregando participantes de todo o mundo. A influência de Simone de Beauvoir na formação de intelectuais feministas, principalmente com o texto *O Segundo Sexo* foi explicitamente assumida pelas militantes.

### *Educação ou “An Education”*

A narrativa da jornalista Lynn Barber sobre a sua adolescência dos 16 aos 18 anos na Inglaterra de 1961 e 1962 teve um tratamento cinematográfico que resultou no filme *An Education*<sup>13</sup> (traduzido em português como *Educação*).

Inicialmente, pretendíamos comentar apenas o filme enquanto escrita memorial e ficcional da vida de uma mulher que se tornou jornalista de sucesso após a sua formação universitária. Ao ler textos de resenhas e depoimentos da própria autora sobre a confecção do filme achamos que

11 SIMONE DE BEAUVOIR. *O Segundo Sexo*. V. 1, pp. 306-308

12 SIMONE DE BEAUVOIR. *O Segundo Sexo*. V. 2, p. 500.

13 LYNN BARBER. *An Education*. *An Education by Lynn Barber: review* Jane Shilling em 9 de agosto de 2009. <http://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/5568633/An-Education-by-Lynn-Barber-review.html> . acesso em maio de 2010



devíamos ampliar nosso repertório para refletir com mais crítica sobre feminismo, educação e o cuidar de si de Foucault.

Uma leitura de Foucault define o cuidar de si como um processo de cuidar também da formação interior e do conhecimento de si, o autoconhecimento que permite perceber os nossos limites e nossas possibilidades como sujeitos. E dessa forma, poderemos cuidar dos outros como educadores.<sup>14</sup>

Nesse processo pensamos a escrita de si como um processo de revelação de fatos passados que permitem construir novas configurações do sujeito, um processo de autoconhecimento na representação da história e da ficção. A obra suscita reações ao ser veiculada e comunicada e permite elaborar procedimentos de escrita dos outros e gera processos educativos de cuidar dos outros.

A autora do livro *An Education* destaca que o trabalho que se tornou filme é parte do seu texto, um capítulo publicado na revista literária *Granta*<sup>15</sup>. Ela diz que decidiu publicar na revista porque os pais dela, internados em uma instituição para idosos, não teriam acesso à publicação. O motivo eram as revelações do passado com os comentários de Lynn sobre os pais, que podiam ficar tristes com as recordações.

Ela afirmou que pensava em escrever suas memórias quando fosse bem idosa, perto de morrer, mas ao ver o marido gravemente doente aos 58 anos, mudou de idéia e resolveu escrever. O texto publicado na revista literária atraiu a atenção do escritor Nick Hornby, que se tornou o roteirista da adaptação cinematográfica.

No filme, a vida de uma adolescente de 16 anos, Jenny, estava concentrada em estudar para passar nos exames que dariam acesso a Universidade de Oxford, no curso de literatura inglesa. Mas em um dia de chuva encontra um rapaz, David, que diz ter 27 anos, oferece-lhe uma carona. Ele se diz rico e oferece à adolescente finais de semana com idas a restaurantes finos e viagens a Paris, Amsterdam e Londres. Ela escolhe perder sua virgindade com ele, no dia em que completou 17 anos. Em viagens descobre que Simon trabalha no negócio imobiliário com métodos escusos: levava mendigos para morar gratuitamente em casas que estavam vazias e aparecia depois para adquirir as propriedades vizinhas dos moradores apavorados com a desvalorização da área. Os pais

---

14 DEISE RATEKE, – UFSC .A Negação Da Violência Como Prática De Liberdade: O Cuidado De Si Como Estratégia E Princípio De Uma Formação Ética. <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt06/gt061352int.rtf>.

15 Lynn BARBER. Essays and Opinion An Education- trecho do livro mais diretamente relacionado ao filme, publicado em GRANTA, 12 August 2009, <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sKT6SAYXhhQJ:<www.granta.com/Online-Only/An-Education+Lynn+Barber&cd=27&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. acesso em 20 de maio de 2010



de Jenny que desejavam antes que ela fosse para a universidade, apostam no casamento com David, mas Jenny descobre que a sua opção em deixar a escola para viver o glamour, a diversão e as viagens foi um erro. Porque David era casado e tinha filhos e ela conhece a mulher dele. Esta revela o comportamento reincidente do marido na conquista de adolescentes. Jenny revolta-se com David que fugiu, com o pai que a empurrou para a situação e não a protegeu e agora lamenta por não ter cumprido seu papel de cuidar da filha. Ela volta aos estudos. A diretora do seu colégio não a aceita na escola, mas a professora que recusou um presente dela de uma viagem feita a Paris, e que ela havia insultado dizendo que estudar era aborrecido e dava um futuro pouco divertido, a acolheu. Ela pode então chegar a Oxford, onde se formou em literatura inglesa e conheceu seu marido com o qual viveu até a morte dele, pouco depois de ela publicar seu texto na revista literária *Granta*, de agosto de 2003.

Lynn Barber declara seu encantamento pelo filme, que a fixou a memória de sua adolescência, que antes disso era uma etapa sombria em sua vida. No roteiro de Nick Hornby alguns aspectos de sua vida foram alterados e detalhes como ela ser musicista amadora ou ser uma conhecedora de pintores participando de leilões de quadros na adolescência são aspectos ficcionais na história. Os nomes das pessoas também: Lynn é Jenny e Simon no filme tem o nome de David (alteração que desagradou muito porque David era o nome de seu querido marido)

Barber concluiu que a experiência com Simon ensinou-lhe a não confiar nas pessoas. “Aprendi que qualquer pessoa pode ‘viver uma mentira’. Passei a acreditar que pessoas – mesmo se você pensa que as conhece bem – são definitivamente desconhecidas.” Foi uma educação útil para um entrevistador não para uma vida.<sup>16</sup> (Frases citadas na resenha de Jane Schilling sobre o livro de memórias *An Education*, 2009)

Sua experiência adolescente permitiu-lhe experimentar duas vidas: a sofisticação de um sonho juvenil e a educação com seus deveres e obrigações. Ao optar pela educação carrega a frustração da ilusão da ascensão social, tal como os seus pais. Foi, com diz seu livro e o título do filme em inglês uma educação. Conforme lembra um leitor de Foucault:

A educação entendida como um processo centrado na pessoa, ou seja, voltado para a humanização, valoriza o pensar crítico e criativo, construindo e transformando a subjetividade. Como vimos, essa subjetividade é o modo pelo qual o sujeito faz a experiência de si em um jogo de verdade em relação consigo mesmo.

Larrosa (1999: 56) sugere que há um enlace entre subjetividade e experiência de si mesmo (...) o sujeito, sua história e sua constituição como objeto para si mesmo, seriam então inseparáveis das tecnologias do eu.<sup>17</sup>

---

16LYNN BARBER. *An Education by Lynn Barber review html* – Jane Schilling. <http://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/5568633/An-Education-by-Lynn-Barber-review.html>

17 JORGE LARROSA . *Tecnologias do Eu e Educação*. In: SILVA, T.T. (Org) *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999. Citado por DEISE RATEKE. *A Negação Da Violência Como*



Visto hoje, a experiência de Lynn Barber, marca um momento de transformação dos valores sobre o comportamento das mulheres, e a educação intelectual e sentimental para a vida nos anos sessenta do século passado. É um bom exemplo das possibilidades da educação e nesse processo, as diferentes possibilidades das pessoas de cuidar de si e cuidar dos outros. Mas seria um erro mostrá-lo como símbolo da emancipação das mulheres. Quase todas não estavam preparadas para o cuidado de si e conseqüentemente não podiam plenamente assumir o cuidado com os outros. E como educadores também não conseguiam proteger, aconselhar e acolher os que queriam tentar de novo. Exceto a professora que soube receber de volta a adolescente que desejava voltar a estudar, depois da sua frustrada experiência com o noivo vigarista e os pais oportunistas.

Como lembra a pesquisadora e militante feminista Christine Delphy:

Os movimentos feministas conquistaram direitos fundamentais. Mas hoje é necessário encarar novos desafios: fazer aplicar as leis, resistir às tentativas de retrocesso e mobilizar as mulheres, conscientes de sua força de oprimidas.

Fala-se, com freqüência, das conquistas do movimento feminista. Mas nenhum progresso social, nem mesmo quando incorporado à lei, é gravado em mármore. A história contemporânea demonstra isso de forma abundante. Particularmente frágeis, as conquistas feministas tropeçam em vários tipos de obstáculos: os ataques “masculinistas”, a reação adversa (“baquelache1”) ideológica e a má vontade política; a repetição insistente do mito da “igualdade já conquistada”.<sup>18</sup>

Infelizmente, o texto de Christine Delphy, de 2004, continua válido pelo que acontece com as mulheres e contra as mulheres. Há diversidade de posições e formações feministas no Brasil, e também anti-feministas que adotam discursos descritos pela pesquisadora francesa. Falta-nos também educação escolar básica para homens e mulheres. Talvez o feminismo seja insuficiente para mudar o mundo. E deveríamos trabalhar com valores mais radicais e propagar uma cultura filógena, conforme propõe Margareth Rago em um texto que se opõe à cultura misógina, enfim, um novo olhar<sup>19</sup>

### *Bibliografia*

BARBER, Lynn. An Education. An Education by Lynn Barber: review, Jane Shilling em 9 de agosto de 2009. < <http://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/5568633/An-Education-by-Lynn-Barber-review.html> > . acesso em maio de 2010.

BARBER, Lynn. Essays and Opinion An Education- trecho do livro mais diretamente relacionado ao filme, publicado em GRANTA, 12 August 2009 .<

---

Prática De Liberdade: O Cuidado De Si Como Estratégia E Princípio De Uma Formação Ética.< <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt06/gt061352int.rtf> >, Último acesso em 29 de junho de 2010.

18 CHRISTINE DELPHY. Le Monde Diplomatique, Edição brasileira ano 5 número 52 sábado 1º de maio de 2004, < <http://diplo.dreamhosters.com/2004-05,a922.html> >, acesso 20 de junho de 2010.

19 RAGO, Margareth. FEMINIZAR É PRECISO: por uma cultura filógena. São Paulo em Perspectiva, doi: 10.1590/S0102-88392001000300009, acesso em 5 de outubro de 2010.



<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sKT6SAYXhhQJ:www.granta.com/Online-Only/An-Education+Lynn+Barber&cd=27&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> > acesso em 20 de maio de 2010.

*BEAUVOIR*, Simone de. *O segundo sexo*. Trad.de Sergio Milliet, Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980. (2 vol.)

*RAGO*, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio: Paz e Terra, 1991.

*RAGO*, Margareth. *FEMINIZAR É PRECISO: por uma cultura filógena*. São Paulo em Perspectiva. versão impressa ISSN 0102-8839 São Paulo Perspec. v.15 n.3 São Paulo jul./set 2001. doi: 10.1590/S0102-88392001000300009 , acesso em 5 de outubro de 2010.

*RATEKE*, Deise – UFSC. *A Negação Da Violência Como Prática De Liberdade: O Cuidado De Si Como Estratégia E Princípio De Uma Formação Ética*”. Disponível em < <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt06/gt061352int.rtf>.> Acesso em 20 de junho de 2010.